

A PESQUISA HISTÓRICA SÔBRE O CRISTÃO-NÔVO NO BRASIL (*).

ANITA NOVINSKY

Do Centro Brasileiro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo.

Durante duzentos e cinqüenta anos teve o Brasil, no âmago da sua sociedade um elemento discriminado pela legislação oficial, conhecido como cristão-nôvo.

Praticamente quase nada se conhece até hoje sôbre êsse elemento, sôbre o seu número, sôbre o papel que representou no desenvolvimento político e econômico, sôbre a influência que teve na vida cultural da colônia.

Foram os resultados verdadeiramente surpreendentes para a compreensão da cultura hispânica, a que levaram as pesquisas sôbre os conversos espanhóis, que despertaram nas últimas décadas a curiosidade e o interêsse de estudiosos de diversas partes do mundo e pertencentes a diversos setores da história, para o fenômeno cristão-nôvo português. Os trabalhos e pesquisas importantes que se fizeram até hoje sôbre a matéria, tratam quase exclusivamente do converso espanhol. Tanto a história dos judeus, assim como posteriormente a dos cristãos-novos em Portugal, permaneceu esquecida, e encontra-se ignorada ainda na sua maior parte, apesar dos trabalhos de inegável valor que foram publicados neste último meio século.

Sôbre a vida comunal dos judeus em diversas regiões da Espanha, suas relações com os cristãos, o problema do converso e a Inquisição, trataram exaustivamente autores como J. Amador de Los Ríos (1),

(*) . — Comunicação apresentada à Mesa Redonda sôbre o "Estado Atual da Pesquisa Histórica no Brasil", realizada durante XXIII a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências em Curitiba no dia 5 de julho de 1971. (*Nota da Redação*).

(1) . — José Amador de los Ríos — *Historia Social, Política y Religiosa de los Judíos de España y Portugal*, Madrid. 1960.

— *Estudios Históricos Políticos y Literarios sobre los Judíos de España*, Buenos Aires. 1942.

A. Neuman (2), I. Baer (3), C. Barroja (4), Ch. Lea (5) e outros. Monografias e estudos extremamente importantes foram também feitos por Fidel Fita (6), D. Ortiz (7), Cantera Burgos (8), H. Beinart (9), etc. Devemos contudo a Américo Castro a mais importante contribuição para a revisão da história cultural da Espanha (10). Depois que Castro abriu o caminho para a reinterpretação da história da civilização ibérica, tomando como fator essencial a presença dos judeus, seguiram-se numerosos outros trabalhos, que revelaram aspectos extremamente originais de participação e influência do converso em diversos setores da vida espanhola, e que trouxeram nova visão para a compreensão da sua história social. Outros autores procuraram também estudar a emigração dos conversos espanhóis e portugueses para Itália (11), Turquia (12), Canárias (13), Holanda (14), Salônica (15), Londres (16), França (17), etc., tentando reconstruir a vida dos sefardins no exílio. Procurando penetrar nos problemas e angustias dos descendentes dos convertidos, Y. H. Zimmels trouxe uma

-
- (2). — A. A. Neuman — *The Jews in Spain*, Phil. 1944.
(3). — I. Baer — *The Jews in Christian Spain*, 2 vol. Phil. 1961 e 1966.
(4). — Julio Caro Baroja — *Los Judios en la España Moderna y Contemporanea*, Madrid. 1961.
(5). — Ch. H. Lea — *A History of the Inquisition of Spain*, 4 vol. New York. 1906-1907.
(6). — Fidel Fita — Dados para la historia de la Juderia de Madrid, in *Bol. de la Real Academia de la Historia*, X, 1887.
— La Inquisicion de Ciudad Real en 1483-1485, *ibid.* XXII. 1893.
(7). — A. Domingos Ortiz — *La Classe Social de los Conversos en Castilla en la Edad Moderna*, Madrid. 1955.
(8). — Francisco Cantera y Burgos — *Alvar Garcia de Santa Maria y su familia de conversos*, Madrid. 1952.
(9). — Haim Beinart — *Conversos em Julgamento pela Inquisição*, Univ. Hebr. de Jerusalem, Israel 1965 (em hebraico).
(10). — Américo Castro — *La realidad histórica de España*, México. 1954.
(11). — Cecil Roth — *Notes sur les Marranes de Livourne*, Paris. 1931.
(12). — Abraham Galante — *Documents Officiels turcs concernant les juifs de Turquie*, Stamboul. 1931.
(13). — A. Lionel Isacs — *The Jews of Majorca*, Londres, 1936.
— Baruch Braunstein — *The Chuetas of Majorca*, *Columbia Univ. Oriental Studies*, vol. XXXIX, 1936.
(14). — J. Mendes dos Remédios — *Judeus Portugueses em Amsterdam*, Coimbra. 1911.
(15). — Abraham Danon — *La Communauté Juive de Salonique au XVI Siècle*, in *Revue des Études Juives* XII, 1900.
(16). — Albert M. Hyamson — *The Sephardim of England*, Londres. 1951.
(17). — George Cirot — *Les Juifs de Bordeaux, leur situation morale et sociale de 1550 a la Revolution*, Bordeaux. 1930.

contribuição de inestimável valor, com seus estudos sôbre os marranos na Literatura Rabínica (18). Também deve ser mencionada a obra recentemente publicada nos Estados Unidos, de autoria de B. Netanyahu, *The Marranos of Spain* (19), que, baseando-se em fontes exclusivamente judaicas, colocou em cheque as teses tradicionais em relação à realidade do cripto-judaísmo nas vésperas do estabelecimento da Inquisição na Espanha.

Comparando o resultado das pesquisas realizadas sôbre os conversos espanhóis, com o que foi feito até hoje em relação ao cristão-nôvo português, a lacuna que percebemos é surpreendente. Essa lacuna parece ainda mais estranha se considerarmos que o elemento converso que esteve presente na Península Ibérica e suas colônias, ininterruptamente até meados do século XVIII, foi principalmente o de origem portuguesa.

Duas obras básicas sôbre os judeus e cristãos-novos em Portugal datam de mais de cem anos: a de Alexandre Herculano (20), que teve o mérito de desmistificar as opiniões sôbre o estabelecimento do Tribunal da Santa Inquisição em Portugal, mas que trata especificamente de sua introdução; e a obra de caráter mais geral, existente unicamente em alemão, de autoria de M. Kayserling, que, apesar de ter sido utilizada por quase todos os historiadores que trataram do problema judeu e cristão-nôvo em Portugal, em virtude do idioma, teve um interesse muito limitado (21). A estas obras seguiram-se diversos estudos e monografias interessantes, tanto sôbre personalidades que sofreram as condenações do Tribunal da Inquisição como sôbre episódios diversos extraídos desse longo conflito entre cristãos-novos e cristãos-velhos, de autoria de Maximiliano Lemos (22), Pe-

(18). — Y. H. Zimmels — *Die Marranen in der Rabbinischen Literatur*, Berlin. 1932.

(19). — B. Netanyahu — *The Marranos of Spain*, New York. 1966.

(20). — Alexandre Herculano — *História da Origem e Estabelecimento de Inquisição em Portugal*, Lisboa. MDCCCLXXII.

(21). — M. Kayserling — *Geschichte der Juden in Portugal*, Leipsig 1867, edição brasileira — *História dos Judeus em Portugal*, tradução de Gabriela B. Corrêa da Silva e Anita Novinsky, introdução, notas e atualização bibliográfica de A. Novinsky, São Paulo, 1971.

(22). — Maximiliano Lemos — Amigos de Ribeiro Sanches, in *Arch. Histor. Port.* vol. IX, Lisboa. 1914.

dro d'Azevedo (23), Souza Viterbo (24), Antônio Baião (25), etc. Os trabalhos mais completos que abrangem um período mais longo, em língua portuguesa, foram escritos por Mendes dos Remédios (26) e J. Lúcio de Azevedo (27). Foram desenterrados dos arquivos portugueses os documentos sôbre parte da população portuguesa que descendia de judeus e que, direta ou indiretamente, estava implicada com a Inquisição. Esses estudos trouxeram a divulgação dos primeiros documentos pertencentes ao Arquivo do Santo Ofício em Portugal, e lançaram as bases para novas investigações. Mas a maioria dos trabalhos que existem sôbre o assunto, quando tentam uma interpretação do fenômeno cristão-nôvo, trazem quase sempre as marcas, ou de um preconceito anti-judaico ou de um preconceito anti-clerical. Ora atribuem aos descendentes dos judeus uma série de vícios e defeitos inatos, ora responsabilizam a Igreja e o catolicismo por tôdas as injustiças.

A primeira obra que conhecemos que tenta uma síntese do processo histórico português, apareceu em 1956, e é de autoria de A. J. Saraiva, tendo tido a sua segunda edição em 1969. Examina êste autor as condições econômicas e sociais que levaram Portugal a seguir as pegadas da Espanha, estabelecendo o Tribunal da Inquisição, mostra que os cristãos-novos constituíam o núcleo principal da burguesia financeira e comercial portuguesa, razão pela qual eram o principal alvo da Inquisição. Para Saraiva, no século XVIII, o conteúdo étnico e religioso dos cristãos-novos já estava substituído por um conteúdo social e econômico definido, sendo portanto um mito criado pela Inquisição a heresia judaica e os próprios cristãos-novos. A obra de Saraiva tem sido alvo, principalmente na França, de violentas críticas, algumas bem recentes, que não diminui a importância da sua contribuição, nem a abordagem

(23). — Pedro d'Azevedo — A Inquisição e alguns cientistas, in *Arch. Hist. Portg.* vol. III, 1905.

— O Bocarro francês e os Judeus de Cochim e Hamburgo in *Arch. Hist. Port.*, VIII, 1910.

(24). — Fr. de Souza Viterbo — Ocorrencias da vida judaica, in *Arch. Hist. Port.*, vol. II, 1904.

(25). — Antônio Baião — *Episódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*, 3 vol., vol. I, Pôrto, 1919; vol. II, Lisboa. 1953; vol. III, Lisboa. 1938.

(26). — J. Mendes dos Remédios — *Os Judeus em Portugal*, 2 vol. Coimbra. 1895 e 1928.

(27). — J. Lúcio d'Azevedo — *História dos Cristãos Novos Portugueses*, Lisboa. 1921.

lúcida com que vê o cristão-nôvo (28). Contudo, tentando focalizar as linhas mestras do conflito, Saraiva, não deu a devida atenção ao lado inverso da questão, e não percebeu o repto a que se viram expostos os cristãos-novos. Sòmente a continuação das pesquisas em fontes primárias poderiam acrescentar outros perfis à sua tentativa de escrever uma história estrutural, onde fòssem focalizadas as causas profundas, tanto materiais como ideológicas, que levaram de um lado Portugal a estabelecer a Inquisição, ou que condicionaram a mente da população a aceitar e racionalizar uma perseguição sistemática, que acabou atingindo tanto cristãos-novos como velhos; e de outro criaram no cristão-nôvo condições internas para enfrentar e resistir à perseguição.

Ligados ao campo da história econômica também foram escritos diversos trabalhos, inclusive o de H. Kellenbenz, da Universidade de Colônia, que trata das atividades econômicas dos sefardins portugueses na região do baixo Elba e suas relações com a colônia brasileira e outros centros de comércio europeu (29), e o de Gentil da Silva e H. Lapeyre, na França, sòbre a correspondência inédita dos Rodrigues de Évora e a família dos mercadores Ruiz (30). Ainda na França, pertencente ao núcleo dos estudos hispânicos, temos o trabalho de M. Bataillon, que chamou a atenção para a importância dos marranos no campo das idéias (31).

Devemos a I. Reváh, do *Collège de France*, a publicação de documentos sòbre personalidades ilustres, como Garcia da Horta (32), Uriel da Costa (33), João Pinto Delgado (34), Antônio Henriquez Gomes (35), etc. Por outro lado, alguns escritores judeus, como Lucien

(28). — A. José Saraiva — *A Inquisição Portuguesa*, Lisboa. 1956.
— *Inquisição e Cristãos Novos*, Pôrto. 1969.

(29). — H. Kellenbenz — *Sephardim An Der Unteren Elba*, Eiesbaden. 1958.

(30). — J. Gentil da Silva — *Stratégie des Affaires à Lisbonne entre 1595 et 1607*, Paris. 1956.

— H. Lapeyre — *Une Famille de merchants: les Ruiz*, Paris. 1955.

(31). — M. Bataillon — *Erasmus et l'Espagne*, Paris. 1937.

(32). — I. Revah — *La Famille de Garcia de Orta*, Revista da Universidade de Coimbra, vol. 19^o, Coimbra. 1960.

(33). — I. Revah — *La Religion d'Uriel da Costa*, Marrane de Porto, in *Revue des Études Juives*, 1962. Paris.

(34). — I. Revah — *Autobiographie d'un Marrane (João Pinto Delgado)* in *Revue de Études Juives* 3a. série, II (CXIX), Paris. 1961.

(35). — I. Revah — *Un Panphlet contre l'Inquisition d' Antonio Enriquez Gomez*, in *Rev. des Étud. Juives*, 4a. série, Fasc. 1 e 2, 1962.

Wolf (36), Samuel Schwarz (37), Cecil Roth (38) e muitos outros, também contribuíram para êste capítulo da história portuguesa, focalizando quase sempre aquela parte dos convertidos que procurou voltar para o seio do povo judeu, ou que ficando no Reino, foi vítima da perseguição por parte do Tribunal do Santo Ofício. Os portugueses conhecidos como marranos foram estudados pelos autores judeus principalmente sob o ângulo martirológico, pois separados de suas famílias, confiscados os seus bens e pressionados por uma instituição poderosa, deram exemplo de uma tenacidade e resistência excepcionais, expressando-se numa vigorosa criatividade, principalmente no exílio. Devedmos ao Prof. Cecil Roth, recentemente desaparecido, alguns trabalhos realmente pioneiros, inclusive uma história dos marranos, onde retrata sua vida, perseguições, religião, etc. (39).

Tentando pois uma simplificação de alguns estudos realizados sobre os marranos, com todos os perigos que ela implique, temos de um lado os estudiosos que, como Américo Castro (40) e Ortiz (41), procuraram estudar o converso que se integrou na vida social e religiosa ibérica, e de outro, autores como I. Baer (42) e Haim Beeienart (43), que procuraram estudar os cristãos-novos que se mantiveram apegados ao judaísmo, retornando a êle, ou mantendo-se durante gerações como cripto-judeus.

Permaneceram à margem, esquecidos, aquêles portugueses que representaram a camada mais numerosa da população cristã-nova, principalmente no correr dos séculos XVII e XVIII, e que viviam em situação existencial mais dramática: os cristãos-novos que durante trezentos anos fizeram parte da história portuguesa e brasileira, e que, sem retornar ao núcleo do povo Hebreu, também permaneceram à margem na sociedade em que viviam. Sobre êsse cristão-novo, que não era nem cristão nem judeu, distante da ortodoxia judaica e tido como hereje na ortodoxia católica, que apesar de discriminado, opta ainda pela vi-

(36). — Lucien Wolf — *Jews in Canary Islands*, Londres. 1926.

(37). — Samuel Schwarz — *Os Cristãos Novos em Portugal no Século XX*, Lisboa. 1925.

(38). — Cecil Roth — The Religion of the Marranos, in *The Jewish Quarterly Review* XXII, 1931.

(39). — Cecil Roth — *A History of the Marranos*, New York 1952.

(40). — V. nota 10.

(41). — V. nota 7.

(42). — V. nota 3.

(43). — V. nota 9.

da nos domínios da corôa portugêsa — sôbre êstes cristãos-novos nada se sabe. Concordamos que se trata da camada mais complexa, sôbre a qual os documentos mais enganam. Não podendo expressar-se livremente, perde-se muitas vêzes num emaranhado de comportamentos externos, a verdadeira realidade do marrano.

*

BRASIL.

Se as pesquisas sôbre os cristãos-novos em Portugal deixam tanto a desejar, maior ainda é a lacuna que encontramos em relação aos cristãos-novos brasileiros. Podemos dizer que, até há alguns anos, praticamente nada se tinha feito no campo da pesquisa histórica sôbre os cristãos-novos no Brasil. Encontra-se ao que sabemos, ainda em branco, em todos os manuais de história do Brasil, o capítulo referente a essa numerosa população portugêsa que buscou nas terras brasileiras novas oportunidades, segurança e nas palavras dos próprios cristãos-novos, a tão procurada “liberdade de consciência”.

Devemos a Antônio Baião os primeiros trabalhos sôbre a Inquisição no Brasil (44). Anos depois, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia publicaram os inéditos dos livros da *Primeira Visitação do Santo Ofício ao Estado do Brasil*, documentos êstes que vieram revelar a presença efetiva dos cristãos-novos na sociedade brasileira (45). Lúcio de Azevedo também escreveu algumas notas sôbre a Inquisição na colônia (46) seguido depois por uma publicação de Varnhagem em 1931, de uma lista de nomes de brasileiros penitenciados pela Santo Ofício (47) e de A. Wiznitzer que acrescentou a essa lista os nomes

(44). — Antônio Baião — A Inquisição em Portugal, in *Arquivo Hist. Port.*, VIII, 1910.

(45). — Primeira Visitação do Santo Ofício às Partes do Brasil — *Denúncias da Bahia 1591-1593*, São Paulo. 1925.

— *Confissões da Bahia 1591-1592*. Prefácio de J. Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro. 1935.

— *Denúncias de Pernambuco 1593-1595*, São Paulo. 1929.

(46). — J. L. de Azevedo — Notas sôbre o Judaísmo e a Inquisição no Brasil, in *Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Brasil*, vol. 145. p. 680 e seg.

(47). — Varnhagen, F. A. — Excertos de varias listas de condenados pela Inquisição de Lisboa, desde o ano de 1711 ao de 1767, compreendendo só brasileiros ou colonos estabelecidos no Brasil, in *Rev. Inst. Hist. e Geogr. Bras.*, tomo VII, 1931.

que Eduardo Prado tinha colhido quando em Lisboa e que permaneceram durante algumas décadas desconhecidos (48).

Estava assim aberto o caminho para a continuação das pesquisas sobre os cristãos-novos no Brasil. Bastante estranho o fato que, após o aparecimento desses documentos, interromperam-se completamente as pesquisas. Surgiram alguns trabalhos pequenos, bastante interessantes, e que despertaram a curiosidade de alguns estudiosos brasileiros (49), mas pouco acrescentaram ao que já se sabia. Há apenas uma década atrás, recomeçaram os trabalhos de pesquisa até então interrompidos. Nesse meio tempo autores brasileiros se detiveram sobre o problema, como por exemplo Gilberto Freyre, que não esqueceu de analisar o cristão-novo no cenário social brasileiro, mas as informações que possuía eram tão escassas, que o fizeram generalizar alguns aspectos e características dos cristãos-novos com a carga dos estereótipos herdados (50). Temos obras de caráter geral, que tratam de determinados períodos da história do Brasil, que também se referem a esse tema, e às vezes com bastante lucidez. Assim C. R. Boxer (51), J. Gonçalves de Mello (52), Thales de Azevedo (53), além de outros, mostraram em suas obras a importância desse elemento de origem judaica para a colonização do Brasil, porém, muitas vezes o focalizam sob um único ângulo — essencialmente econômico.

Há alguns anos apenas que notamos uma preocupação de reconstrução da história específica do cristão-novo no Brasil, estudando o seu papel na civilização brasileira a partir da evidência documental. O interesse para o fenômeno cristão-novo português cresceu enormemente e começaram a ser aproveitados os primeiros livros das *Visitações do Santo Ofício*, cujo riquíssimo material permanecera durante décadas, conhecido apenas por alguns eruditos brasileiros. Apareceram

(48). — A. Wiznitzer — *Os Judeus no Brasil Colonial*, São Paulo. 1966.

(49). — Solidônio Leite Filho — *Os Judeus no Brasil*, São Paulo. 1923.

— Da Influência do Elemento Judaico no Descobrimento e Comercio do Brasil nos dois primeiros séculos da Colonização Portuguesa, in *Anais do II Congresso de História Nacional*, 4º vol., 1938.

— Argeu Guimarães — Os Judeus Portuguezes e Brasileiros na América Espanhola, in *Journal de la Société des Americanistes de Paris*, tome XVIII, 1926.

(50). — Gilberto Freyre — *Casa Grande & Senzala*, Rio de Janeiro. 1966.

— *Sobrados e Mucambos*, Rio de Janeiro. 1951.

(51). — C. R. Boxer — *Os Holandeses no Brasil*, São Paulo. 1961.

— *Idade do Ouro no Brasil*, São Paulo. 1963.

(52). — J. Gonçalves de Mello — *Tempo dos Flamengos*, Rio de Janeiro. 1947.

(53). — Thales de Azevedo — *Povoamento da Cidade do Salvador*, São Paulo. 1955.

também publicados os outros livros da Primeira Visitação ainda desconhecidos. A prof. Sônia Siqueira e o prof. Eduardo França editaram em 1963 as *Confissões da Bahia* de 1618, que completam as *Denúncias da Bahia*, já anteriormente publicadas (54), acompanhadas de um estudo sobre a vida econômica na Bahia nesse período de autoria do prof. França. Partindo das informações encontradas nos *Livros das Visitações* publicados, a prof. Siqueira também fez um estudo sobre o mercador João Nunes (55) que vem enriquecer lacunas na história econômica colonial. E há menos de um ano foram editados pelo prof. Gonçalves de Mello as *Confissões de Pernambuco* (1594-95), até então desconhecidas (56).

Coube porém ao prof. A. Wiznitzer juntar praticamente tudo que se conhecia sobre o assunto dos cristãos-novos e escrever uma obra que é a única que conhecemos abrangendo um largo período da história colonial (57). Apesar das pesquisas importantes que ele próprio realizou sobre o período holandês, e do lugar que seu livro veio ocupar na lacuna da historiografia sobre o cristão-novo brasileiro, deixa naturalmente muito a desejar, principalmente quando sentimos as numerosas situações inexplicáveis e incompreendidas, não por falta do autor mas resultante, supomos, da falta de pesquisas.

De diferente caráter, o livro de Elias Lipiner juntou em capítulos independentes material dos *Livros das Visitações* publicadas e tentou, à luz de seus conhecimentos sobre judaísmo, transmitir-nos de maneira compreensiva um pouco da vida religiosa dos marranos na colônia (58).

Devemos lembrar ainda o trabalho de J. G. Salvador, também realizada nos últimos anos sobre o cristão-novo no Brasil (59). Esse

(54). — Eduardo d'Oliveira França e Sônia Siqueira — Segunda Visitação do Santo Offício às partes do Brasil pelo Inquisidor e Visitador o Licenciado Marcos Teixeira. Livro das Confissões e Ratificações da Bahia, in *Anais do Museu Paulista*, tomo XVII, São Paulo, 1963.

(55). — Sônia A. Siqueira — O Comerciante João Nunes, in *Anais do V Simposio Nacional dos Prof. de História*. São Paulo, 1971.

(56). — *Confissões de Pernambuco* 1594-1595, edit. por J. Gon. de Mello, Recife. 1970.

(57). — A. Wiznitzer — *op. cit.*

(58). — Elias Lipiner — *Os Judaizantes nas Capitanias de Cima*, São Paulo, 1969.

(59). — J. G. Salvador — *Cristãos Novos, Jesuítas e Inquisição*, São Paulo. 1969.

trabalho baseia-se em exaustivas investigações genealógicas de importantes famílias brasileiras e trouxe a primeira contribuição para a identificação da origem judaica de elementos preeminentes do clero católico ou de bandeirantes, pioneiros empenhados na exploração do território.

Não se tentou, ao que se saiba, ainda um estudo do cristão-nôvo na sociedade brasileira, em sua situação paradoxal, colono radicado e influente na terra de um lado, pária da sociedade em que vivia do outro. E quais os efeitos que teve essa condição específica em que vivia tão elevado número de homens, sobre a formação da nação e da cultura específicas.

O desenvolvimento que tomou o fenômeno cristão-nôvo na colônia brasileira contradiz teses diversas apresentadas sobre os conversos e a Inquisição, como por exemplo, o de sua inassimilação, ou sobre a honestidade do catolicismo dos cristãos-novos. Os efeitos mais profundos da presença do cristão-nôvo na história do Brasil não se ligam aos 30 anos em que os judeus viveram livremente na sua religião em território ocupado pelos holandeses, quando agiam e pensavam como judeus professos, mas aos duzentos e cinqüenta anos de história colonial, em que viveram e pensaram como cristãos-novos. E' êsse o elemento que pesou na história do Brasil. Era o homem chamado no exílio o "hebreu de nação portuguesa" e na sua própria pátria, o "português de nação hebréia". A riqueza de interpretações a que se presta o tema e a carga de preconceitos existentes contra os judeus na sociedade ocidental, matizam ainda a história dos cristãos-novos com as tintas mais contrastantes. Daí a importância da evidência documental, se bem que quando utilizada com extremo cuidado, pois provém principalmente de fontes oficiais.

São diversas as dificuldades que encontramos no estudo dos cristãos-novos no Brasil. O ponto de partida para um estudo objetivo é o abandono dos conceitos estereotipados com que olhamos os judeus, e dos velhos mitos anti-semitas. Em nenhum país, talvez mais do que no Brasil, as condições trabalharam no sentido de fazer cair essas abordagens tradicionais, que conferem ao cristão-nôvo brasileiro aptidões inatas e uma psicologia especificamente "judaica". No Brasil não houve um *apartheid* entre cristãos-novos e cristãos-velhos, devendo pois estudar-se as relações entre ambos êsses elementos, entre os fiéis cristãos e os herejes, entre os cristãos-novos fiéis católicos e os cris-

tãos-novos judaisantes. Foi no Brasil que se antecipou a desmitificação das inaptidões inatas do cristão-nôvo para o trabalho agrícola.

Eliminado a imagem estereotipada que temos dos judeus, a dificuldade máxima que enfretamos na tentativa de uma história científica e objetiva sôbre os cristãos-novos no Brasil está no fato de não podermos identificar a população brasileira em têrmos de cristão-nôvo. Raramente as obras sôbre história do Brasil ou mesmo documentos contemporâneos identificam a origem dos personagens em questão. Como conhecer então o papel que êste elemento representou na história da civilização brasileira? O ponto de partida seria quem era e quem não era cristão-nôvo na colônia brasileira, isto é, a identificação dos brasileiros. Para isso temos uma fonte inestimável, que são os arquivos do Santo Officio da Inquisição. Contudo apesar de serem a única fonte que após a destruição dos registros ordenada pelo Marquês de Pombal manteve o nome dos portugueses e brasileiros de origem judaica, não são completos, pois muito mais brasileiros cristão-novos viviam neste território durante o período colonial do que os anotados nos ditos registros, não tendo sido identificados oficialmente como cristãos-novos. Conhecêmo-los através de outras investigações paralelas realizadas em diversos núcleos e arquivos espalhados pelo Brasil e estrangeiro. Esta identificação ainda está no princípio, e muito pouco foi acrescentado às listas publicadas há cêrca de 40 anos por Varnhagem e L. de Azevedo. Existem também as fontes judaicas, que não podem deixar de ser pesquisadas e consultadas, pois revelam um aspecto interior do marrano, que talvez não possa ser encontrada em outra fonte.

Os estudos sôbre os cristãos-novos no Brasil também não podem ser feitos retratando de início todo Brasil. Em cada região temos um cristão-nôvo diferente, que, nem do ponto de vista religioso nem político pode ser caracterizado em têrmos homogêneos. Contrariamente ao que pensam muitos escritores inclinados a uma generalização, o fato dos cristãos-novos constituirem um grupo marginalizado pela legislação oficial não lhes conferiu e aos seus descendentes uma posição definida, de grupo e consciente. Em nenhuma parte, nem na Espanha, nem em Portugal e na América, encontramos os cristãos-novos agrupados como uma clã fechada, apesar da identificação que sua situação de pária na sociedade lhes conferiu com os perseguidos. Nem do ponto de vista religioso nem do ponto de vista político, os cristãos-novos podem ser caracterizados como um único grupo. E em cada região do Brasil, no norte, no centro, no sul, o cristão-nôvo se pronuncia diferentemente; conforme as condições e imperativos locais.

Houve cristãos-novos judaisantes, católicos, protestantes, livres pensadores, blasfemos, nacionalistas portugueses ou simpatizantes com Espanha, regionalistas brasileiros ou colaboradores dos holandeses e ainda uma larga faixa intermediária com os mais diversos graus de religiosidade. Diz com razão Villanueva que nem a Inquisição conseguiu juntar o cristão-nôvo numa única frente (60). Todos êles constituíram os cristãos-novos na colônia.

Tanto para o estudo da heterodoxia no Brasil, como para a compreensão de sua história econômica, política e social, os documentos sobre os cristãos-novos uma vez acessíveis trarão grandes contribuições. Enquanto êsses documentos não se tornarem conhecidos, tôdas as tentativas de interpretação do fenômeno cristão-nôvo serão inconsistentes. As pesquisas que realizamos nos arquivos portugueses mostraram-nos quanto ainda resta a conhecer sobre a atividade da Inquisição em diversas partes do Brasil, assim no Rio de Janeiro, como no Pará, Minas Gerais, Maranhão, etc. O Auto da Inquisição realizado em 1731 no Maranhão revela-nos interessante capítulo sobre as heresias no Brasil no século XVIII, assunto ainda tão pouco estudado (61). Êsses documentos auxiliam-nos a compreender o pensamento do homem colonial, em relação à religião, à moral, os costumes, a política.

São totalmente imprevisíveis os resultados a que podem levar as pesquisas sobre os cristãos-novos no Brasil. E' impossível nos antecermos sobre o problema demográfico, sobre as profissões, sobre os condenados. Nossas pesquisas mostraram-nos também que as informações que tínhamos até hoje além de poucas eram incompletas e muitas vêzes erradas. Alguns capítulos da história do Brasil terão de ser refeitos à luz de novos documentos como, para se citar apenas um exemplo, o que se relaciona com o papel dos cristãos-novos na invasão holandesa. Em trabalho apresentado ao V Congresso Mundial de Estudos judaicos, realizado em 1968 em Jerusalém, fizemos uma comunicação sobre o papel que os cristãos-novos representaram na defesa da Bahia contra o invasor inimigo (62). Também ligado a êste mesmo

(60). — Francisco Marquez Villanueva — *The converso Problem: an assessment, in Collected Studies in Honour of Americo Castro's Eightieth Year*, Oxford, 1965.

(61). — "Auto da Inquisição" do Maranhão 1731. Mmms. ainda inédito, em preparo para publicação.

(62). — Anita Novinsky — *A Historical Bias: The participation of the New Christians in the invasion of Bahia, a sair in Proceedings of the V World Congress of Jewish Studies*, Jerusalem.

capítulo das invasões holandesas temos outro trabalho no qual mostramos que tanto cristãos-novos como cristãos-velhos e membros do clero católico estiveram ao lado dos holandeses (63).

Com um trabalho profundo de pesquisa em fontes primárias poderão elucidar-se questões como as propostas acima, o que virá, cremos, contribuir para um melhor entendimento do Brasil e do seu povo.

(63). — Anita Novinsky — Uma Devassa do Bispo D. Pedro da Silva, in *Anais do Museu Paulista*, 1968.